O olhar fotográfico para os povos indígenas: comparação entre imagens de Marc Ferrez e Sebastião Salgado

The photographic gaze towards indigenous peoples: comparison between images by Marc Ferrez and Sebastião Salgado

DOI:10.34117/bjdv7n7-299

Recebimento dos originais: 12/06/2021
Aceitação para publicação: 12/07/2021

Fábio Lucas da Cruz
Doutorado em História
Instituto Federal do Paraná – Campus Campo Largo
Rua Retiro São José, 510, Apartamento 205, Vila Bancária, Campo Largo, Paraná
E-mail: fabio.cruz@ifpr.edu.br

RESUMO
O texto avalia como os povos indígenas foram apresentados em fotografias de Marc Ferrez (1843-1882) e Sebastião Salgado. As imagens apresentam características das seguintes etnias: Bororo, Korubo, Zo'é, Awá-Guajá e Yanomami. Os fotógrafos escolhidos representam duas formas de entender as culturas indígenas: enquanto as imagens de Marc Ferrez apresentam o indígena como um indivíduo exótico, aparte dos modelos que eram considerados corretos para a concepção de "civilização" no século XIX, as obras de Sebastião Salgado valorizam as diversas civilizações indígenas e exploram o cotidiano, as tradições, a arte e as relações com a natureza. Sebastião Salgado apresenta um olhar sensível à diversidade e sua fotografia coaduna-se com estudos antropológicos e históricos desenvolvidos a partir da segunda metade do século XX. Observa-se uma evolução do registro fotográfico preconceituoso do período oitocentista para registros que estimulam a sensibilidade do olhar e auxiliam a questionar estereótipos e combater preconceitos em relação aos povos indígenas.

Palavras-chave: Fotografia. Povos indígenas. História visual.

ABSTRACT
The text evaluates how indigenous peoples were presented in photographs by Marc Ferrez (1843-1882) and Sebastião Salgado. The images present characteristics of the following ethnic groups: Bororo, Korubo, Zo'é, Awá-Guajá and Yanomami. The photographers chosen represent two ways of understanding indigenous cultures: while Marc Ferrez's images present the indigenous person as an exotic individual, apart from the models that were considered correct for the conception of "civilization" in the 19th century, Sebastião Salgado's works value the diverse indigenous civilizations and explore their daily lives, traditions, art and relationships with nature. Sebastião Salgado has a sensitive eye for diversity, and his photography is in line with anthropological and historical studies developed since the second half of the 20th century. We observe an evolution from the prejudiced photographic record of the nineteenth-century period to records that stimulate the sensitivity of the gaze and help to question stereotypes and combat prejudice in relation to indigenous peoples.

Keywords: Photography. Indigenous peoples. Visual history.

1 INTRODUÇÃO

O estudo da História dos povos originários tradicionais é essencial para entender a violência que caracterizou a formação do Estado nacional. Centenas de povos indígenas foram expulsos de suas terras, sofreram intervenção de grupos religiosos, suas culturas foram desvalorizadas e etnias foram dizimadas por doenças e guerras.

Missões jesuíticas, as chamadas "guerras justas" contra povos que não aceitavam a presença portuguesa, escravização e ataques de bandeirantes a aldeias são alguns exemplos da violência colonizadora. Durante o Império, esta violência perpetuou-se com a construção de aldeamentos para conter indígenas enquanto suas terras eram tomadas pelo Estado e grandes fazendeiros. As diferentes etnias reagiram organizando ataques armados, invadindo vilas e fazendas que ameaçavam suas moradias, denunciando invasões e assassinatos de indígenas às autoridades regionais.

Conhecer esta história de repressão e resistência dos povos indígenas é relevante para que a violação de direitos humanos destes povos ainda em curso no país seja reconhecida e combatida com políticas públicas eficazes. Também é importante que haja pressão da sociedade civil pelo respeito aos povos originários tradicionais.

A lei 11.645 de 2008 apregoa que as instituições escolares devem abordar História e cultura africana, afro-brasileira e indígena em todo o currículo. Tal abordagem é fundamental para combater estereótipos criados ao longo do tempo e que sustentam preconceitos sobre os nativos. Propomos neste texto um exercício de reflexão sobre o retrato dos povos indígenas em dois momentos distintos da História brasileira. A comparação das fotografias de Marc Ferrez (1843-1882) e Sebastião Salgado contrapõe a visão estereotipada, exótica e desrespeitosa em relação aos nativos no século XIX com a visão contemporânea de um fotógrafo que valoriza a diversidade indígena e a relação dos povos nativos com a natureza.

Sebastião Salgado nasceu em 1944 e obteve destaque internacional com imagens que mostram mazelas sociais em diferentes realidades. Dentre seus projetos fotográficos, destacam-se "Trabalhadores", "Gênesis" e "Êxodo". Viajou por diversos países retratando a fome, as guerras, os deslocamentos forçados, a morte, a luta pela terra, a vida nas regiões mais inóspitas e as paisagens nunca antes fotografadas. Seus retratos também valorizam as especificidades étnicas e culturais e exploram o espaço geográfico no qual o fotógrafo é expectador e ao mesmo tempo construtor de visões de mundo a partir da seleção daquilo que registra,

Marc Ferrez é bastante conhecido por fotografar paisagens naturais e a população negra do Brasil Imperial. Produziu mais de 5,5 mil fotografias. Foi integrante da Comissão Geográfica e Geológica do Império e visitou diferentes regiões do país, nas quais registrou comunidades indígenas como os botocudo e os bororo. Suas fotografias compuseram importantes exposições, com destaque para a *Exposição Antropológica Brasileira* de 1882. Também vendia álbuns para intelectuais de outros países para divulgar o "exotismo" da cultura indígena. (TACCA, 2011).

As principais imagens de Marc Ferrez relativas aos povos indígenas estão disponíveis *on-line*, principalmente no "Instituto Moreira Salles" e no site do projeto "Iconografia fotográfica dos povos indígenas do Brasil". Tais imagens mostram as comunidades indígenas em suas habitações ou realizando atividades diárias. Há muitas produções feitas em estúdio, nas quais os indígenas são posicionados segundo os interesses do fotógrafo de compor uma peça que mostrasse as curiosidades de povos que eram ainda considerados "incivilizados" no século XIX.

2 REPRESENTAÇÕES DOS POVOS INDÍGENAS NA FOTOGRAFIA

A abordagem da historiografia brasileira sobre os povos indígenas foi marcada pela problemática de incluir o indígena num discurso histórico voltado à construção do Estado nacional. Até a metade do século XX, observamos que a complexidade dos diversos povos indígenas não foi estudada: os indígenas eram vistos de forma generalizada, ressaltados ora como indivíduos "passivos" e "incivilizados", ora como pertencentes a uma única cultura que contribuiu para a formação de uma nação mestiça. Silvio Romero, Nina Rodrigues e Euclides da Cunha mostraram a miscigenação como negativa e inferiorizavam grupos populares e negros. O Positivismo, o Darwinismo Social e o Evolucionismo influenciavam as ideias de tais autores. Capistrano de Abreu, Gilberto Freyre e Caio Prado Júnior contrariavam estas ideias, mas também mantiveram uma visão estereotipada do índio ao explicar a miscigenação.

Apenas a partir da década de 1980, as pesquisas tornaram-se mais complexas a partir de estudos interdisciplinares. Fazer o resgate do indígena como sujeito histórico, ou seja, protagonista e não mero objeto de manipulação do colonizador, implica na compreensão das civilizações indígenas a partir de suas características culturais, com uma história anterior ao contato com outros povos, baseada em conflitos, negociações, aproximações e transformações sociais, políticas e econômicas. (ALMEIDA, 2003, p.29.)

As imagens sobre os nativos produzidas no período colonial continham forte etnocentrismo, estranhamento e misticismo, associando os indígenas e a natureza a explicações irreais que envolviam monstros e lendas das comunidades das quais os europeus passaram a temer. Theodore de Bry produziu gravuras que ressaltavam a antropofagia relatado em 1557 pelo alemão Hans Staden, que fugiu dos Tupinambá antes de ser devorado em seus rituais. Este tipo de imagem e a descrição jesuítica do indígena como incivilizado, ora violento ora ingênuo, desconsiderou milhares de etnias, línguas e tradições durante o empreendimento de colonização, escravização, ocupação do território indígena e assassinato em guerras ou por transmissão de doenças.

Durante a invasão holandesa na região do atual nordeste, Albert Eckhout (1610-1666) veio ao Brasil em 1637 como integrante da comitiva de Maurício de Nassau. Pintou os tupis e os tapuias, nomes dados aos indígenas civilizados e "selvagens", respectivamente. As imagens contêm precisas representações de armas, adornos, frutos, raizes e enfeites. Esta preocupação com o realismo não significou imparcialidade: as mulheres tupis são representadas como mães e agricultoras, enquanto a mulher tapuia leva pedaços de corpos, representando a antropofagia, severamente condenada pelos europeus.

As missões e expedições artísticas e científicas do século XIX reforçaram estereótipos dos indígenas como selvagens ou seres de inocência. O romantismo criou o estereótipo do bom selvagem, inocente, capaz de sucumbir por amor a um homem branco, como na história de Iracema, escrita por José de Alencar. Dos pintores destas expedições, os trabalhos que ganharam notoriedade em todo o mundo pertencem aos artistas Johann Moritz Rugendas (1802-1858) e Jean-Baptiste Debret (1768-1848).

Debret veio ao Brasil com a Missão Artística Francesa convidada por Dom João VI. Sua obra "Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil" possui ilustrações sobre o cotidiano da corte, dos senhores, do comércio, das ruas do Rio de Janeiro, dos escravizados e dos libertos. Tudo é retratado para frisar as curiosidades do país. Quanto aos indígenas, retratou pinturas corporais, guerras, festejos e a escravização das comunidades pelos bandeirantes.

Rugendas era alemão e veio ao Brasil participar da expedição científica do Barão de Langsdorff. Depois, percorreu o país para ilustrar os negros, senhores, camponeses, fazendas e vilas. Quanto aos indígenas, produziu imagens de guerras e do cotidiano dos nativos (caça, rituais, produção de objetos, interação com viajantes e relação que mantinham com os escravizados nas fazendas). Assim como Debret, preocupou-se em

apresentar as curiosidades do país que chamariam a atenção do público da corte ou da Europa.

As primeiras fotografias sobre os povos indígenas foram produzidas no século XIX por por E.Thiesson. As imagens seguiam o padrão das pinturas de destacar o exotismo indígena. Marc Ferrez destacou-se como fotógrafo do Império nas expedições científicas e nas exposições no Brasil e exterior. Mesmo após a proclamação da República em 1889, às comunidades indígenas eram dizimadas enquanto seus retratos mostravam ora a selvageria, ora ingenuidade, como indivíduos sem civilização.

A criação do Serviço de Proteção ao Índio (SPI) ocorreu em 1910 e a os governos republicanos demoraram para promover ações efetivas com relação à promoção da cidadania dos povos indígenas. Para defender fronteiras e instalar linhas e postos telegráficos no interior, a Comissão Rondon entrou em contato com diferentes etnias nas primeiras décadas do século XX. O Marechal Cândido Mariano da Silva Rondon idealizou o SPI valendo-se de suas experiências como explorador do "sertão", e suas expedições em nome do SPI deixaram farta documentação fotográfica sobre os indígenas. Porém, a despeito do contato com mais etnias e a documentação etnográfica, permanecia a ideia de que o índio precisava ser integrado à civilização brasileira. O SPI estava articulado ao Ministério da Agricultura e o assimilacionismo dos indígenas pelo estado também tinham o objetivo de ampliar as terras agrícolas.

A revista *O Cruzeiro* foi por muito tempo o veículo de exposição das imagens indígenas para o grande público brasileiro. A revista destacou as expedições de Cláudio e Orlando Villas Bôas nas regiões dos Xavante. As imagens traziam as características culturais dos povos, com preocupação com a etnografia, o diálogo com o nativo e respeito à sua cultura. No entanto, as imagens contrastavam com o discurso jornalístico que refletia a visão desenvolvimentista concretizado em expansão de estradas e urbanização para as áreas do interior.

A fotografia tornou-se importante registro das comunidades indígenas no país e serviu para os projetos de controle de território. A invasão de terras indígenas, torturas e assassinatos para invasão de seus territórios também foram documentados por agentes do governo da ditadura civil militar (1964-1985). O mais expressivo documento que registra o genocídio indígena é o Relatório Figueiredo. Este documento Foi encomendado pelo general Albuquerque Lima, ministro do Interior, com o objetivo de apurar as denúncias e foi elaborado pelo procurador geral Jader de Figueiredo Correia, que percorreu com sua equipe mais de 16 mil quilômetros, visitando 130 postos indígenas em todo o país e

descrevendo minuciosamente crimes como torturas, prisões arbitrárias, envenenamento, estupros e trabalho escravo. Os funcionários do SPI foram responsabilizados. O órgão foi substituído pela FUNAI.

Antropólogos e artistas promoveram exposições das culturas de diferentes etnias e contribuíram para informar e desmistificar a visão estereotipada sobre os nativos. Destaca-se o trabalho de Claudia Andujar, que viveu entre os Yanomami entre 1971 e 1977 e destacou imagens com estéticas que exploram a beleza natural, a luminosidade e a liberdade.A construção fotográfica vinculava-se ao saber antropológico, ao diálogo com os indígenas e à experiência de interação do fotógrafo com a comunidade,

Um dos mais influentes fotógrafos da atualidade, Sebastião Salgado produziu muitas fotografias de comunidades indígenas desde 2013. Sua estética utiliza o preto e o branco a partir de uma reflexão sobre a iluminação natural, os detalhes das países e dos comportamentos e nuances dos corpos. A paisagem possui grande importância em sua fotografia, pois expressa a relação harmônica entre os povos e a natureza. Sua última exposição chama-se "Amazônia" e possui mais de 200 fotografias sobre montanhas, fauna, flora e cotidiano de povos originários da região.

Atualmente, a fotografia nas comunidades indígenas também funciona como registro de tradições e como forma de comprovar denúncias de invasões de territórios e desmatamento. A produção audiovisual é expressiva em muitas comunidades. Segundo estudos de COSTA e GALINDO (2018),

> É possível elencar três hipóteses para ponderar sobre o audiovisual indígena, a saber: [a] a apropriação da tecnologia e da técnica do audiovisual pelos povos indígenas no Brasil ganha relevo em um contexto de organização e fortalecimento do movimento indígena; [b] a organização do movimento indígena, diferente do movimento operário tradicional cuja centralidade se configura a partir da relação entre Capital x Trabalho, se fundamenta com base em diferentes experiências de opressão: o aniquilamento social e cultural vivenciado no processo histórico de constituição do Estado Nação [e mesmo após ele], o desrespeito em relação aos direitos originários e a consequente luta por reafirmação étnica; [c]: a emergência do cinema indígena manifesta-se em um contexto de hibridismo tático, configurando-se como um dispositivo relevante na esfera das lutas sociais e dá vigor a um campo de discurso que concorre com a representação depreciativa construída historicamente sobre os povos indígenas do país. (p.23-24)

3 OS INDÍGENAS SEGUNDO MARC FERRAZ E SEBASTIÃO SALGADO

Esta análise comparativa das fotos considerou contextos de produção e circulação das imagens, objetivos dos fotógrafos e reflexões sobre as concepções de cultura indígena. Exemplificamos nossos estudos com as seguintes fotografias. Na imagem de

Marc Ferrez, os onze bororo foram posicionados em local cujos objetos remontam a configurações europeias. Fora de seu lugar natural, portam armas e indumentárias que eram consideradas exóticas. É "uma imagem domesticada do selvagem, circunstanciado pela encenação fotográfica do estúdio." (TACCA, 2011,p.89). Já a fotografia de Sebastião Salgado contém um cenário composto por uma lona escura montada como painel na região onde vivem. O fundo preto enaltece os detalhes dos corpos e adereços. Notamos também que o olhar dos indígenas para a câmera não foi totalmente direcionado como na primeira imagem, conferindo maior naturalidade. Observamos a preocupação de Sebastião Salgado em valorizar a especificidade cultural daquele povo.

Figura 1: Índios Bororo retratados por Marc Ferrez em 1880. Acervo do *Instituto Moreira Salles.*

Figura 2: Zo'é retratados por Sebastião Salgado em 2009. Acervo: *Iconografia fotográfica dos povos indígenas do Brasil*.

No documentário "O sal da terra" (2014), Sebastião Salgado revela seu interesse em fotografar a natureza original em seu projeto "Gênesis". Seu contato com os Zo'é é mediado pela FUNAI para que houvesse consentimento dos nativos em serem fotografados em seu cotidiano na floresta. Sebastião Salgado registrou estes povos na relação harmônica com a natureza. Ele realiza um imersão na realidade sociocultural para que seu olhar capte as imagens a partir de uma compreensão daquele mundo particular no qual é expectador. O depoimento abaixo reforça esta percepção:

> Faço uma imersão na cultura dos locais que documento, fico um período longo, em que a qualidade das imagens cresce com a convivência; até que, em certo momento, começa a ser ocioso, a curva começa a baixar. Meu trabalho se desenvolve ao longo de todo esse processo, não em um 'instante decisivo. (Apud. SERVA, 2017, s.p.).

As imagens seguintes diferenciam-se quanto à representação da mulher indígena. Sebastião Salgado fotografou uma Yanomami numa oca, ressaltando a beleza da mulher indígena e sua relação com a natureza. A imagem de Marc Ferrez apresenta uma indígena ao lado de um sistema de medidas com o intuito de analisar a "anatomia indígena".

Figura 3: *Yanomami*, Sebastião Salgado, 1998. In: Êxodo (2000).

Figura 4: *Índia Botocuda em estúdio,* Marc Ferrez, 1876, Instituto Moreira Salles.

A medição do corpo da indígena decorria da ciência evolucionista do século XIX. O corpo biológico era racializado e as características físicas determinavam a superioridade e a inferioridade dos indivíduos. Os povos indígenas eram categorizados em civilizados, caso já tivessem aprendido os hábitos do país, ou selvagens, se ainda vivessem nas matas. Também havia indígenas tutelados pelo Estado, inseridos em aldeamentos para serem catequizados e exercerem atividades agrícolas. No discurso

evolucionista do século XIX, os indígenas estavam fardados ao desaparecimento ou à integração ao mundo que na época era considerado "civilizado"

As próximas imagens retratam os indígenas nos locais de moradia. Sebastião Salgado retrata crianças Awá brincando no Rio Caru, no nordeste do Maranhão. Marc Ferrez fotografou indígenas do sul da Bahia, em 1875. Nota-se que a fotografia de Salgado capta o cotidiano, enquanto as imagens de Ferrez "ao ar livre" reproduzem poses e temas comuns em suas fotos de estúdio.

Figura 5: *Índios no sul da Bahia*. Marc Ferrez, 1875, Instituto Moreira Salles.

Figura 6: *Awá-Guajá*, Sebastião Salgado. Acervo on-line do jornal *O Globo*.

4 AS FOTOGRAFIAS SOBRE POVOS INDÍGENAS COMO RECURSOS DIDÁTICOS

É primordial que os estudantes reflitam sobre as diversidades socioculturais e desenvolvam sua criticidade por meio da análise de distintas fontes de pesquisa (BITTENCOURT, 2008). O uso da fotografia como instrumento didático permite desenvolver reflexões sobre as especificidades das realidades retratadas, promover comparações entre épocas e objetivos dos fotógrafos e dos fotografados. Para além do caráter de ilustrar livros didáticos, os estudantes precisam refletir sobre a fotografia como importante elemento da cultura material, registro histórico e expressão artística, cuja compreensão depende de diversas áreas do conhecimento:

> Não podemos esquecer de questionar as fotografias, que muito frequentemente são tratadas como "retratos da realidade", como se não tivessem, elas também, intencionalidade, contexto de produção, autoria etc. O que dizer do enquadramento, da escolha da imagem a ser fotografada, ou ainda da decisão acerca da fotografia a ser revelada e ampliada, no meio de tantas outras? Perguntas interessantes a serem feitas seriam: "onde está a pessoa que fez a fotografia? Quem era essa pessoa, a seu ver? Como as pessoas fotografadas (se for o caso) parecem se relacionar com ela?". Além dessas, podem ser úteis as seguintes questões: "por que vocês acham que a fotografia foi feita?". "Como vocês acham que era o equipamento no qual a fotografia foi feita?" "Quanto tempo vocês acham que levou para a fotografia ser feita? Por quê?" E quanto ao objeto fotografado: "descrevam o que vocês veem: as pessoas (o que estão fazendo, o que estão vestindo, onde estão), a paisagem, o local, se é

> de dia ou de noite, se é na cidade ou no campo etc.". "Descrevam a fotografia: "a imagem está centralizada? O que se vê no plano da frente e do fundo? A imagem está focada?" (ALBERTI, 2019, s.p. Edição digital).

É fundamental sensibilizar a comunidade escolar em relação à relevância da história e das culturas indígenas, conforme assegura a lei 11.645 promulgada em 10 de março de 2008. Além de promover o conhecimento sobre a diversidade étnica e cultural, as fontes visuais podem ser associadas a notícias atuais e fotografias recentes que mostrem como vivem e quais são os desafios das comunidades indígenas.

É possível realizar pesquisa bibliográfica sobre as características técnicas de cada fotógrafo, os contextos históricos e as comunidades indígenas retratadas. Também é válido utilizar documentários referentes às fotografias do escopo de pesquisa: "Rio de memórias", dirigido por José Inácio Parente, remete ao Rio de Janeiro durante o período de produção fotográfica de Ferrez; e "Sal da terra", dirigido por Wim Wenders e Juliano Ribeiro Salgado trazem depoimentos do fotógrafo e exibem como ele trabalha (seleção de locais, objetivos, e dificuldades).

Para promover o estudo das fotografias como documentos históricos, é possível selecionar fotografias de Marc Ferrez e Sebastião Salgado disponíveis em acervos digitais, como o Instituto Moreira Salles, a Brasiliana Fotográfica, além de revistas, jornais e livros nos formatos impressos e digital.

A pesquisa bibliográfica sobre as características de cada fotógrafo, dos contextos históricos e da história da fotografia permeiam todo o processo. Conhecer características de cada uma das tribos abordadas nas fotografias por meio da pesquisa em livros e *sites* possibilitará ao aluno criticar estereótipos sobre as civilizações indígenas que ainda são reproduzidos. Os estudantes podem utilizar o próprio celular e criar fotos para uma exposição com temáticas oriundas de debates realizados durante as análises fotográficas.

O estudo das fotografias pode ser realizado por meio da construção de sínteses que indicam localização, etnia dos grupos indígenas, aspectos retratados (objetos, poses, quantidade de indivíduos, ações) e elementos implícitos, como as informações sobre objetivos da produção, relação com fatos históricos e a forma como foram expostas.

O discurso histórico a partir de imagens deve ser construído considerando uma metodologia que priorize questionamentos sobre os objetivos de elaboração e circulação dos materiais, técnicas e concepções dos artistas e as relações entre as imagens e os acontecimentos políticos, econômicos e sociais. (MENESES, 2003).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Marc Ferrez retratou os Botocudo e os Bororo com viés documental e sua obra reflete preconceitos do século XIX, quando o índio era comumente descrito como "selvagem". Já o fotógrafo Sebastião Salgado valoriza a cultura de cada tribo e captura a naturalidade de suas relações com o ambiente. O fotógrafo desconstruiu estereótipos ao retratar civilizações como os Korubo, os Zo'é e os Awá-Guajá**.**

Comparando as fotografias de Ferrez e Salgado, percebemos uma transformação na percepção da diversidade étnica e cultural. Em relação ao século XIX, observamos na obra de Sebastião Salgado um olhar fotográfico menos preocupado em mostrar o "exótico" e o "diferente", construindo uma ideia negativa do indígena "sem civilização".Há uma mudança na percepção da diversidade étnica e cultural. É fundamental entender como as percepções que inferiorizavam os indígenas foram superadas em favor de uma visão complexa de cultura.

Os povos indígenas possuem histórias e manifestações culturais diversificadas que foram desconsideradas por muito tempo por colonizadores e dirigentes do Estado brasileiro, conforme demonstram os estudos de Manuela Carneiro da Cunha (1992) e Berta Ribeiro (2009). Ainda existem preconceitos que precisam ser superados por meio do inventivo às Artes, à Educação, à pesquisa e à extensão.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. Fontes. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; OLIVEIRA, margarida Maria Dias de (Orgs.). **Dicionário de ensino de história.** Rio de Janeiro : FGV Editora, 2019.

ALMEIDA, Maria R. C. Identidades étnicas e culturais: novas perspectivas para a história Indígena. IN: ABREU, Martha; SOIHET, Raquel. **Ensino de História**. Rio de Janeiro: Casa das Palavras, 2003, pp. 27-38.

BITTENCOURT, Circe. **Ensino de História:** Fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2008.

CUNHA, Manuela Carneiro da (org.). **História dos índios no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

FERREZ, Marc. **O Brasil de Marc Ferrez.** São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2005.

COSTA, Gilson Moraes da; GALINDO, Dolores Galindo. In: DELGADO, Paulo Sérgio; JESUS, Naine Teresa (Orgs).**Povos Indígenas no Brasil:** Perspectiva no fortalecimento de lutas e combate ao preconceito por meio do audiovisual. Curitiba, PR: Brazil Publishing, 2018.

KOSSOY, Boris. **Fotografia e História.** São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

KRENAK, Ailton. Antes, o mundo não existia. In: NOVAES, Adauto (org.). **Tempo e história.** São Paulo: Cia das Letras, 1992. MENESES, Ulpiano Bezerra de. Fontes visuais, cultura visual, História visual. Balanço provisório, propostas cautelares. **Revista Brasileira de História.** V.23, n..45. São Paulo, julho de 2003, pp. 11-36.

MONTEIRO, John. **Tupis, tapuias e historiadores. Estudos de história indígena e do indigenismo**. Tese de livre-docência, Campinas, Universidade Estadual de Campinas - Unicamp. Disponível em: <http://www.ifch.unicamp.br/ihb/estudos/TupiTapuia.pdf>. Acesso em 10 dez. 2017.

MOURA, Carlos Eugênio Marcondes de. **Estou aqui. Sempre estive. Sempre estarei.** Indígenas do Brasil. Suas imagens (1505/1955). São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

OLIVEIRA, João Pacheco de; FREIRE, Carlos Augusto da Rocha. **A Presença Indígena na Formação do Brasil**. Brasília: Ministério Da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; LACED/Museu Nacional, 2006.

SALGADO, Sebastião. **Da minha terra a terra.** São Paulo: Paralela, 2014.

SCHIAVINATTO, Iara Lis Franco; COSTA, Eduardo (Org.). **Cultura Visual & História**. 1a. ed. São Paulo, Alameda, 2016.

SERVA, Leão. *Sebastião Salgado na Amazônia.* **Folha de São Paulo**, 17 de dezembro de 2017. Disponível em:

<<https://arte.folha.uol.com.br/ilustrada/2017/sebastiao-salgado/medo/>>. Acesso em 20 jan. 2018.

TACCA, Fernando Cury. O índio na fotografia brasileira. In: GAIOTTO, Alexander Miyoshi. (Org.). **O Selvagem e o civilizado nas artes, fotografia e literatura do Brasil.** Unicamp: Centro de História da Arte e Arqueologia, 2011, p. 84-122.

Brasiliana fotográfica. Disponível em: <<http://brasilianafotografica.bn.br/?p=6305>>. Acesso em: 10 dez. 2017. **Enciclopédia Itaú Cultural.** Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/>>. Acesso em: 10 dez. 2017

Instituto Moreira Salles. Disponível em: <<https://ims.com.br/>>. Acesso em: 10 dez. 2017.

Museu do índio. Disponível em: <<http://www.museudoindio.gov.br/>>. Acesso em 30 jan. 2018.

Museu Paranaense. Disponível em: <<http://www.museuparanaense.pr.gov.br/>>. Acesso em: 30 jan. 2018. **O índio na fotografia brasileira.** Disponível em: <<http://povosindigenas.com/>>. Acesso em: 07 fev. 2018. **Povos indígenas do Brasil.** Disponível em: <<https://pib.socioambiental.org/pt>>. Acesso em 30 jan. 2017.

O sal da terra. Direção de Wim Wenders e Juliano Ribeiro Salgado. Produção de David Rosier. Brasil, França e tália, 2014.

Rio de Memórias. Direção e Produção de José Inácio Parente. Brasil, 1987.